

4.

A Inclusão Social e o Projeto Agente Experiente

A pesquisa aqui apresentada foi realizada junto aos idosos participantes do Projeto Agente Experiente (PAE), da Secretaria Extraordinária da Qualidade de Vida (SEQV), tendo por objetivo estudar sobre a inclusão social.

Na primeira parte deste capítulo apresentamos a SEQV, sua trajetória, seus avanços, recuos, assim como seus projetos. Destacamos em seguida o Projeto Agente Experiente, criado por essa secretaria, o qual foi tomado como referência empírica em nossa pesquisa.

Neste capítulo pontuamos também o processo de investigação, sinalizando os da pesquisa e os desafios enfrentados na busca de dados que, durante o caminhar da pesquisa, foram se mostrando limitados mas, que à medida que mobilizamos várias fontes, tal esforço possibilitou a realização da mesma. Dessa forma, analisamos o projeto, com base na observação participante, nas ações junto aos Agentes Experientes, nas entrevistas com as profissionais que trabalham no projeto e na análise dos documentos técnicos disponíveis.

4.1.

Uma Secretaria para a Terceira Idade

A Secretaria Especial da Terceira Idade (SETI), foi criada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ) no ano de 2001, com a função de tratar das questões que envolvessem especificamente os idosos do município. Neste momento buscamos fazer um breve resgate da trajetória da SETI. Na verdade essa é uma tentativa de fazer um breve relato do que foi, e do que é a Secretaria, sua nova fase e sua proposta de trabalho. A dificuldade em resgatar a história da Secretaria se deve à carência de documentos que possam auxiliar na reconstrução da memória da mesma²³.

²³ As informações sobre a SETI foram conseguidas a partir de entrevistas, relatos informais e da Dissertação de Mestrado de Tiago Pereira de Souza - “Música e Idoso: uma proposta de intervenção do Serviço Social com arte” PUC/RJ – 2005 - que buscou, através de depoimentos e documentos, recuperar um pouco da história da Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS), assim como o trabalho com os idosos na Prefeitura.

Inicialmente era uma Secretaria que tinha como característica predominante a produção, promoção e divulgação de bailes, eventos e seminários voltados para o segmento idoso (SOUZA, 2005. p.91-92).

Essa proposta é bem diferente da proposta atual, iniciada no ano de 2003, que visa gerar políticas voltadas para a população idosa residente no município. Ela também é responsável por elaborar e desenvolver programas e ações concretas nas áreas social, cultural, de esporte, saúde e lazer, com o objetivo de integrar os idosos na sociedade e melhorar a sua auto-estima (SETI, 2006).

Antes da criação da SETI, os programas voltados para os idosos eram realizados pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS), criada em 1979 pelo Prefeito Israel Klabim que tinha como prioridade de governo a atenção à “favela”. Em setembro de 1995, a SMDS muda sua estratégia de trabalho, entendendo que sua função social era a de reconhecer o direito de todos ao acesso aos serviços sociais básicos, que garantissem um padrão, mesmo que mínimo, de qualidade de vida, passando a ser responsável pela promoção humana no município. Foi neste período também que podemos dizer que a Prefeitura, através da SMDS, iniciou seu trabalho junto aos idosos com o desenvolvimento de Grupos de Convivência, primeiramente na zona sul, com a comunidade do Morro Santa Marta e depois em outras comunidades também na zona sul (Cabritos, Cantagalo, Vidigal, Vila Canoas e Complexo dos Guararapes). Outros programas também foram desenvolvidos pela SMDS: o Rio Experiente e o Rio Dignidade. Ainda cabe lembrar, a criação da Gerência Social do Idoso, que passou a ser responsável pela supervisão e acompanhamento de todas as ações que envolvessem idosos no município.

No ano de 2003, Marcelo Garcia assumiu o cargo de novo secretário da SMDS. Essa nova administração trouxe grandes mudanças na organização e desenvolvimento dos trabalhos da SMDS, além da realização de um concurso público para contratação de assistentes sociais.

Quanto à organização dos trabalhos, a SMDS entendeu que as atividades dirigidas aos idosos não deveriam ser de sua responsabilidade, uma vez que a Prefeitura havia criado uma secretaria específica para esse segmento da

população. Assim, um acordo entre a SMDS e a SETI transferiu a Gerência Social do Idoso, com toda a sua proposta de trabalho e atividades, para a SETI. Porém, essa secretaria na área social só possuía uma equipe de assistentes sociais na parte administrativa, que seria chamada daquele momento em diante de Diretoria de Serviço Social (DSS), em substituição a nomenclatura anterior, Gerência Social do idoso.

Conforme essas mudanças, a execução das ações ficaria por conta de assistentes sociais ou de Profissionais de Nível Superior pertencentes ao quadro funcional da SMDS. Esses profissionais aceitaram a proposta feita pela SMDS, e poderiam optar em continuar ou não trabalhando com os idosos. Assim, os profissionais da SMDS foram cedidos à SETI.

Esses profissionais contavam com o apoio de dinamizadores contratados e agentes comunitários para desenvolverem as atividades com os idosos que consistiam na realização de oficinas de trabalhos manuais, arte e culinária, entre outras. A grande parte dos dinamizadores tinham contratos terceirizados e, a partir da nova organização da SMDS, os contratos foram suspensos e os dinamizadores demitidos. Os Agentes Comunitários, como possuíam um vínculo com a Prefeitura por se tratar também de um projeto realizado nas comunidades, foram remanejados para outras funções.

A brusca mudança acabou afetando um pouco a SETI, pois parte das atividades contavam com a participação desses profissionais. Mas com a contratação de assistentes sociais aprovados em concurso público, tal situação foi revertida. Alguns destes profissionais optaram por trabalhar com idosos e foram então cedidos pela SMDS para a SETI e assim ficando na execução dos trabalhos. Diante desse novo quadro, a ideia da Secretária Cristiane Brasil, que se encontrava na gestão da SETI nesta mesma época, era a de novamente incentivar os grupos de convivência e criar novos projetos. Mas, o rompimento com o partido político aliado ao governo municipal, o qual a secretária estava filiada e tinha a intenção de concorrer a um cargo político nas próximas eleições, propiciou a saída da mesma da direção da secretaria. Em consequência, a área social da SETI passou a ser administrada pela SMDS, que indicara a Subsecretária

Roberta Kfuri como responsável pelo expediente dessa secretaria²⁴ por tempo indeterminado.

Após a “fusão” das duas secretarias, a SMDS estabelece uma nova política de recursos humanos e, por determinação da mesma, todos os assistentes sociais que se encontravam cedidos para outras secretarias deveriam retornar para o quadro funcional da SMDS, para que pudessem atuar no desenvolvimento de novos projetos e dar continuidade aos já existentes. Assim, na SETI só permaneceriam as profissionais da DSS, que continuaria com o apoio dos profissionais da SMDS na execução das atividades com os idosos. A SMDS, por conta de suas atribuições seguindo as diretrizes da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), mudou sua denominação, sendo hoje a Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS).

Em janeiro de 2005, um novo secretário, Alexandre Cerruti, assume a SETI. Naquele ano a secretaria contava apenas com cinco assistentes sociais na DSS. A proposta do novo secretário era dar prosseguimento ao trabalho iniciado por Cristiane Brasil, afastada por questões políticas. Para isso, foram realizadas reuniões com as profissionais da DSS e com a diretoria de Esporte e lazer, para apresentação dos programas e projetos da secretaria. A proposta era discutir a possibilidade de se dar andamento aos trabalhos já existentes e criar novos. Na área social foi constatada a necessidade de ampliação do quadro, com mais uma assistente social e um assistente administrativo.

Com a gestão de um novo secretário, todos os programas e projetos voltados para idosos no município, foram transferidos para a SETI. Todas essas mudanças acabaram por afetar o trabalho dos profissionais, com repercussão também junto aos idosos participantes dos projetos da DSS, face às incertezas, novidades e toda a expectativa que geralmente as mudanças trazem. Mudanças de governo geram muitas vezes expectativas negativas, principalmente no âmbito das políticas sociais. Isso acontece porque novos gestores costumam não dar continuidade as ações iniciadas pelo governo anterior o que favorece a prática de políticas fragmentadas, pontuais e descontínuas.

²⁴ Os cargos de Secretário de qualquer secretaria municipal, são considerados cargos de confiança. Geralmente distribuídos a aliados políticos e não a servidores de carreira. Em seu trabalho, Tiago Souza apresentou nesse aspecto as dificuldades enfrentadas pela SETI desde o ano de 2003 até o início de 2005. Uma série de mudanças político institucionais que acarretaram trocas de Secretários e até a interdição da Secretaria por questões político-partidárias.

Podemos dizer que a SETI vem funcionando, ainda que fora das características iniciais, diferente de seu início, principalmente no âmbito de sua área social. Ela procura seguir as determinações estabelecidas pela Política Nacional do Idoso e pelo Estatuto do Idoso. Nesse sentido, realiza suas atividades em parceria com a SMAS, que é o órgão responsável pelo desenvolvimento da política de assistência social no município e por isso as ações assistenciais são executadas por ela nos Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), através dos profissionais, que em sua maioria são assistentes sociais ou outros, denominados, Profissionais de Nível Superior (PNS). A parceria da SETI com a SMAS a coloca também dentro da lógica da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), na perspectiva do SUAS²⁵.

Em 11 de outubro de 2006, através do Decreto nº 27.142, a SETI foi renomeada, passando a ser intitulada Secretaria Extraordinária da Qualidade de Vida (SEQV). Esta, por sua natureza de uma Secretaria Extraordinária, não possui os mesmos recursos que uma Secretaria Municipal. Dessa forma, ligada diretamente ao gabinete do Prefeito, a SEQV não conta com recursos humanos próprios, tendo que realizar suas atividades em áreas e com profissionais cedidos por outros órgãos da Prefeitura. Entretanto, possui assento no Conselho Municipal de Assistência Social e segue as determinações políticas voltadas para os idosos, indicadas pelo Governo Federal. De acordo com a DSS, essa mudança não afetou ainda os trabalhos da área social e aguarda a resposta sobre a possibilidade de ampliação dos projetos que já são realizados.

A SEQV desenvolve suas atividades com cerca de 50 mil idosos distribuídos em seus programas e projetos. Ela está dividida em duas áreas de atenção. A primeira é a área de esporte, lazer e cultura, com a Diretoria de Projetos Esportivos, Lazer e Cultura e a segunda é a área de assistência social, através da Diretoria de Serviço Social (DSS).

A Secretaria ainda conta com uma Assessoria de Estudos e Pesquisa, que tem como finalidade disseminar informações sobre qualidade de vida dos idosos

²⁵ O Sistema Único de Assistência Social – SUAS, constitui-se na regulação e organização em todo o território nacional das ações socioassistenciais. Sua gestão se dá de forma descentralizada e participativa; e os serviços, programas e benefícios têm como foco a atenção às famílias, seus membros e indivíduos e o território como base de organização. O SUAS materializa o conteúdo da LOAS, que tem como objetivo consagrar direitos de cidadania e inclusão social (BRASIL, 2004)

no Município do Rio de Janeiro, através de documentos e pesquisas referentes aos projetos desenvolvidos pela SEQV (SEQV, 2007).

A Diretoria de Projetos Esportivos, Lazer e Cultura é responsável pela criação e elaboração de projetos que visam à qualidade de vida e ao acesso gratuito à atividades físicas orientadas, ao lazer, à cultura, à arte e ao turismo. Atualmente os projetos que estão em andamento são:

- Longevidade - Voltado para o esporte e lazer. Desenvolve práticas esportivas, recreativas e culturais. Visa contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população idosa da Cidade do Rio de Janeiro, através de aulas de ginástica e alongamento, que acontecem em diversos bairros da cidade. Promove, ainda, vários eventos culturais no decorrer do ano.
- Arte em Movimento - Ligado à cultura e à arte. Oferece oficinas de Teatro, Dança do Ventre, Moda e Manequim, Hidroginástica, Dança de Salão e Canto & Coral.

Além disso, conta com a Escola de Samba Flor da Idade, criada especialmente para incentivar a população idosa a participar de uma das maiores festas populares do Brasil, que é o carnaval carioca (SEQV, 2007).

A Diretoria de Serviço Social (DSS) tem por objetivos elaborar, implantar, implementar, monitorar e avaliar projetos, programas e serviços de assistência ao idoso no município do Rio de Janeiro, além de ser também uma articuladora das políticas setoriais voltadas para a terceira idade (SEQV, 2007). Atualmente, tem trabalhado os seguintes programas e projetos:

- Programa Rio Experiente – Criado pela SMDS, sendo depois transferido para a SEQV. Oferece serviços que visam à manutenção ou à reintegração dos idosos à família e à comunidade. A base do programa é constituída pelos Grupos de Convivência, Centros de Convivência e Casa de Convivência.

- Programa Rio Dignidade à Terceira Idade – Esse programa também teve seu início na SMDS, sendo transferido para a SETI e continua presente na SEQV. Seu objetivo é conceder um benefício no valor de um salário mínimo a idosos carentes, visando à melhoria da qualidade de vida destes. Atende atualmente cerca de 820 idosos do município do Rio de Janeiro. Em seu início, chegou a ter aproximadamente mais de 1000 idosos, mas com o advento do BPC as inscrições para participação no programa foram suspensas e a Prefeitura optou por não acabar com o Programa devido à necessidade de seus participantes. Desse modo, o programa atende apenas os que já participavam desde seu início ou estavam inscritos até o período quando foram encerrados os cadastros para participação no Programa. Esse deverá ser encerrado gradativamente a partir do falecimento dos idosos beneficiados.
- Projeto Idoso em Família - Criado para evitar a institucionalização da pessoa com mais de 60 anos em situação de vulnerabilidade social. O objetivo do trabalho é proporcionar a manutenção do idoso em seu lar, fortalecendo os vínculos familiares e a melhoria das condições de vida, bem como a redução de risco pessoal e social, propiciando também, a intergeracionalidade. O projeto concede ainda um benefício de R\$ 300,00 a dez famílias, previamente selecionadas, pelo período de um ano.

A DSS é responsável pelo mapeamento de Instituições de Longa Permanência para idosos, com o objetivo de lhes oferecer atendimento em situação de vulnerabilidade social, sem referência familiar ou quando as famílias não possuem condições de mantê-los. A Prefeitura do Rio de Janeiro tem dois abrigos próprios, sete conveniados e um sob a gestão da Prefeitura. A DSS, em conjunto com a Assessoria de Estudos e Pesquisa, realizou um levantamento no ano de 2006 das instituições de longa permanência da Cidade do Rio de Janeiro, assim como o perfil de seus internos.

A secretaria é ainda responsável pela revisão do Benefício de Prestação Continuada (BPC) no município. Outro projeto que está sob a gestão da DSS é o Agente Experiente. Selecionado por nós para a realização de nossa pesquisa, tem

como objetivo geral a inclusão social de idosos. Este será o tópico abordado na próxima parte de nosso trabalho.

Observamos que assim como aconteceu com Tiago Souza (2005) em seu trabalho, as informantes não se sentem à vontade para citar nomes e relatar acontecimentos em detalhes. A SEQV revelou-se uma secretaria frágil e que ainda não conseguiu se firmar com status de uma secretaria municipal. As constantes mudanças fizeram com que esta tivesse e ainda tenha dificuldades para conseguir se organizar de forma a desenvolver um trabalho mais sistemático e efetivo. Existe sempre a insegurança quanto à continuidade dos programas e projetos, sem contar com a preocupação por parte das profissionais, sobretudo da DSS, em não deixar que os idosos percam a motivação e deixem de participar das atividades devido a problemas internos.

Há ainda uma outra preocupação que está relacionada a subordinação da SEQV ao Gabinete do Prefeito. Isso pode significar uma outra mudança na secretaria ou um fim para breve, já que no próximo ano teremos a realização de eleições municipais. Assim, ficará a cargo do novo Prefeito prosseguir ou não com a SEQV. A ameaça maior percebida diz respeito à área social. Diante dos relatos dos entrevistados, a imagem que se tem é que o trabalho de assistência social com a população idosa, sobretudo a mais carente, principal público da política de assistência, na verdade representava uma preocupação menor dentro da Prefeitura. A verba destinada a DSS chega a ser menor do que a da Diretoria de Projetos de Esporte. Algumas informantes acreditam que talvez esse tipo de trabalho não tenha visibilidade na sociedade e, por consequência, não possua peso político.

Uma de nossas questões levantadas na pesquisa diz respeito à parceria entre a SEQV e a SMAS. A SEQV desenvolve seus trabalhos sociais através das profissionais da SMAS que ficam sediadas nos CRAS já que não possui um quadro próprio de profissionais para desenvolver seus trabalhos. Assim sendo, acreditamos que o desenvolvimento dos projetos fica prejudicado porque o volume de trabalho da SMAS é muito grande e os profissionais ficam quase que exclusivamente presos aos projetos dessa secretaria, principalmente por causa do Programa Bolsa Família, o que, às vezes, por orientação da própria chefia do CRAS, demanda prioridade nos atendimentos.

Uma das atribuições da SMAS no PAE é o acompanhamento e a supervisão desse projeto pelas profissionais dos CRAS. Isso não acontece em todos os CRAS onde o projeto está instalado. As profissionais acabam criando estratégias para que o projeto se desenvolva e contam com o trabalho de Agentes Comunitários na supervisão.

De acordo com as profissionais entrevistadas, é preciso fazer um esforço para se conseguir um trabalho de qualidade com os idosos, caso contrário a solução seria deixar que o projeto acontecesse sem as devidas supervisões e orientações, na tentativa de manter o projeto no CRAS. A DSS também entende que um outro fator está ligado ao comprometimento do profissional com os projetos da SEQV, onde se colocados em uma “lista de prioridades”, estes estão em último lugar. Essa dificuldade faz com que encontremos Agentes realizando tarefas que não são próprias deles, tais como fazer faxina e servir café.

Outra atribuição da SMAS é a elaboração de relatórios para a avaliação do projeto. O que acontece é a produção de um relatório de produtividade dos programas ou projetos desenvolvidos em cada CRAS. Estes são enviados para as CAS, as quais deverão remetê-los para a SMAS, que acaba não repassando as informações sobre os projetos dos idosos para a SEQV. Devemos ressaltar que a partir de nossa pesquisa, a DSS passou a solicitar que as técnicas que trabalham com os projetos da SEQV, ao elaborarem seus relatórios para a SMAS, enviassem cópias dos mesmos diretamente para a SEQV.

Foi também devido à nossa pesquisa, aliada a uma proposta de avaliação do projeto, sendo esta iniciativa da própria secretaria, que a SEQV iniciou um levantamento do perfil dos Agentes Experientes. A DSS está realizando entrevistas com cada um deles e com as profissionais dos CRAS. O resultado desse levantamento deverá ser apresentado até o final do ano de 2007 pela secretaria. Esse levantamento também tem a intenção de substituir alguns Agentes que já participam do projeto desde seu início. Como há a possibilidade de ampliação do mesmo, foi apresentada a preocupação em estabelecer propostas de novas atividades a serem realizadas. Estas ainda estão sendo discutidas pela DSS da SEQV, Diretoria dos CRAS e pelas profissionais que coordenam o projeto nos CRAS.

4.2. O Projeto Agente Experiente

O fenômeno do envelhecimento populacional nos países desenvolvidos obrigou-os a criar políticas voltadas para esse segmento da população. O mesmo não poderia deixar de acontecer nos países em desenvolvimento. O Brasil definitivamente não estará fora desse processo, já que é um dos países que vem apresentando um aumento significativo no número de pessoas idosas, conforme dados já apresentados anteriormente.

Os dados do Censo de 2000 revelaram que 12,8% da população do município do Rio de Janeiro eram idosos. E esse número expressivo fez com que a Prefeitura da Cidade pensasse em desenvolver políticas voltadas para os idosos.

A Segunda Assembléia Mundial sobre envelhecimento apontava que são os governos os principais responsáveis pelo bem-estar da população idosa. Diante dos dados do censo de 2000, juntamente com o que foi proposto na Assembléia Mundial, a SMAS, em parceria com a SETI, hoje SEQV, e o Fundo Rio criaram em 2004 o Projeto Agente Experiente (PAE). O objetivo desse projeto era possibilitar que o trabalho e a experiência do idoso pudesse contribuir no combate à exclusão social, principalmente da população de rua da cidade. A idéia era realizar um trabalho com os idosos que pudesse ir ao encontro das diretrizes da Política Nacional do Idoso, que estabelece a:

Viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações (PNI, seção II, Art. 4º, 1994).

A trajetória do PAE está dividida em duas fases. A primeira teve início em novembro de 2004, quando da fusão da SETI com a SMDS, atual SMAS. O projeto visava “a melhoria da qualidade de vida dos idosos, possibilitando ainda minimizar as condições precárias de vida dos moradores de rua” (PAE, 2004. p.01). A proposta era a de transformar o idoso em canal de informação para as pessoas que circulavam nas praças e corredores viários da cidade, especialmente aquelas que se encontravam morando na rua. De acordo com o projeto, os Agentes

Experientes deveriam informar e acompanhar os moradores de rua para que estes pudessem ter acesso aos serviços oferecidos pela Prefeitura na perspectiva de acolhimento, capacitação, inserção profissional, entre outras coisas. Na verdade tratava-se de uma proposta de mobilização de pessoas que, na condição de idosos, possuíam maturidade e experiência acumulada para as tarefas descritas acima, junto aos moradores de rua.

O projeto teve os seguintes objetivos específicos:

- Combater a exclusão social no Município do Rio;
- Melhorar as condições de vida dos moradores de rua;
- Divulgar todas as alternativas de trabalho desenvolvidos pela prefeitura, principalmente para os moradores de rua;
- Mapear as principais praças e os corredores viários da cidade, principalmente aquelas com grande concentração de população de rua;
- Garantir acesso à informação sobre os projetos sociais da prefeitura e a forma de acessá-los;
- Desenvolver atividades de capacitação e reciclagem dos idosos inseridos no projeto;
- Transferir renda para todos os idosos do projeto, propiciando maior qualidade de vida.

Foram selecionados para participar do projeto idosos que freqüentavam os grupos de convivência do programa Rio Experiente. Estes precisavam estar de acordo com algumas exigências para poderem ingressar no PAE.

Os idosos deveriam ter idade superior a 60 anos, renda familiar de até dois salários mínimos e ser morador das áreas de abrangência das Coordenadorias de Assistência Social CAS²⁶, e de preferência, idosos independentes e autônomos. A

²⁶ A SMAS, atendendo as determinações da PNAS, alterou a nomenclatura das Coordenadorias Regionais de Assistência Social (CRAS) para Coordenadorias de Assistência Social (CAS). É da competência de cada Coordenadoria participar do planejamento de programas e projetos a serem realizados na sua área de abrangência; implementar a política regional de assistência; realizar pesquisas, coordenar, supervisionar e avaliar a execução de todas as ações de desenvolvimento social. Algumas CAS tiveram também sua área de abrangência modificada. A identificação das CAS é feita através de números (1ª CAS, 2ª CAS, 3ª CAS, 4ª CAS, 5ª CAS, 6ª CAS, 7ª CAS, 8ª CAS, 9ª CAS e 10ª CAS), totalizando dez unidades espalhadas na Cidade (SMAS, 2006).

carga horária estipulada era a de 20 horas semanais. A definição dos locais onde eles iriam atuar era feita pelas CAS, que informava aos Centros de Referência e Assistência social (CRAS)²⁷. Ao todo, o PAE contava com um total de 110 idosos, sendo o número de 10 idosos para cada CAS, com exceção da 2ª CAS, que naquele momento contava com 20 idosos.

Os Agentes Experientes tinham a supervisão da equipe de profissionais de cada CRAS. Recebiam informações dos projetos da Prefeitura, em especial daqueles voltados para a população de rua. Além disso, eles contavam bimestralmente com um encontro para avaliação e reciclagem de informação. Cada idoso participante do PAE, recebia uma bolsa auxílio no valor de R\$ 200,76 (duzentos reais e setenta e seis centavos), que era paga através do Cartão Prefeitura Social, criado apenas para ser usado para saques de benefícios.

O Projeto envolvia diversos órgãos públicos, com atribuições específicas. A SMAS, através dos CRAS, era responsável pela seleção dos locais e dos idosos envolvidos no projeto, além do monitoramento e acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos idosos. A SEQV tinha como atribuição a coordenação do Projeto, supervisão das atividades desenvolvidas em cada área e acompanhamento e controle dos idosos bolsistas, além da tabulação dos dados do projeto. Ao Fundo Rio competia o repasse dos recursos mensais para o pagamento das bolsas e informação sobre os serviços oferecidos para a população de rua, para que fossem divulgados pelos Agentes Experientes. A avaliação periódica do projeto era uma atividade integrada dos três órgãos aqui mencionados.

As informações sobre o PAE não eram registradas devidamente, por isso encontramos muita dificuldade para conseguirmos dados sobre essa fase do projeto. Para suprir esta lacuna contamos com a colaboração indispensável de alguns informantes, que optaram por não ser identificados. Contamos ainda com o depoimento de alguns profissionais que participaram do projeto desde sua fase inicial.

²⁷ Seguindo as determinações da PNAS, a SMAS, desde o final do primeiro semestre de 2006, alterou a nomenclatura dos Centros Municipais de Assistência Social Integrada (CEMASI), local considerado como porta de entrada para os programas sociais da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Este receberam o nome de Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) ou Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS), que continuam sendo porta de entrada e atuam como núcleos de articulação da rede social (SMAS, 2006).

Um depoimento importante para a recuperação de informações dessa primeira fase foi o de Rosa, professora que pertence ao quadro da SMAS como Profissional de Nível Superior (PNS). Esta no momento da pesquisa era a coordenadora do PAE e também trabalhava com um Grupo de Convivência do programa Rio Experiente na área da Tijuca. Está no PAE desde seu início e segundo ela, nessa primeira fase do projeto, a tarefa dos idosos consistia em abordar pessoas que viviam nas ruas. No primeiro contato, os idosos procuravam conversar com elas sobre a situação que estavam vivendo, saber o motivo de estarem nas ruas e se estas pessoas gostariam de receber alguma orientação quanto aos seus problemas ou se precisavam de abrigo. Nessa abordagem os Agentes falavam sobre os projetos que a Prefeitura realizava.

De acordo com uma das profissionais que acompanhou a primeira fase do projeto, os Agentes gostavam muito do trabalho e conseguiam, muitas vezes, segundo sua percepção, alcançar os objetivos do projeto.

Algumas pessoas pensaram que o trabalho não daria certo, mas deu e muito! As pessoas ficavam nas praças com as malas, esperando a Kombi da prefeitura para levá-los até os abrigos(Rosa)

Os Agentes ainda criavam condições para que outras ações para as pessoas abordadas por eles acontecessem. Isso porque os Agentes informavam a estas pessoas os atendimentos nos CRAS próximos aos locais onde os moradores de rua estavam vivendo.

Conforme mencionamos anteriormente, Alexandre Cerruti assumiu em 2005 a SEQV e os projetos sociais que envolviam os idosos, os quais estavam sob responsabilidade da SMAS retornariam para a SEQV. Como os projetos envolviam questões orçamentárias para a realização dos mesmos, foi necessário iniciar um processo gradativo de transferência dos projetos da SMAS para a SEQV.

Durante este período de transição, a DSS assumiu a coordenação do projeto PAE e com o acompanhamento e supervisão das atividades, esta diretoria percebeu que o PAE, embora seus Agentes estivessem realizando suas tarefas de

forma a alcançar os objetivos do projeto, este precisaria ser modificado. De acordo com a DSS, o PAE começou a ter dificuldade em cumprir seus objetivos pois a SMAS não estava conseguindo manter um profissional junto aos idosos nas abordagens, além da falta de vagas nos abrigos e de uma política mais eficaz voltada para a população de rua.

Dessa forma, foram realizadas reuniões com as profissionais dos CRAS, que executavam as ações junto aos idosos e os Agentes Experientes para avaliar o andamento do projeto. A intenção foi discutir as atribuições dos idosos, revisar as propostas iniciais do projeto e a participação dos Agentes em atividades como acompanhamento das profissionais nas visitas domiciliares, participação enquanto consultores no Projeto Transporte Experiente, participação na elaboração de relatórios das atividades, entre outras.

A proposta da DSS era a de combater a exclusão social dos idosos fazendo com que eles se sentissem úteis, como parte da sociedade. Para isso, foram feitas algumas modificações no projeto e os idosos não mais trabalhariam com a população de rua. Iriam desenvolver atividades voltadas para as comunidades onde moravam e agiriam como multiplicadores das informações sobre os trabalhos sociais da SMAS nos CRAS. De certa forma, as atividades citadas acima serviram como um teste para as mudanças que estavam sendo pensadas.

A DSS da SEQV desenvolve seus projetos sociais para os idosos seguindo as determinações da Proteção Social Básica e Proteção Social Básica Especial, de acordo com a Política Nacional de Assistência Social (PNAS). O PAE em particular, orienta-se pela Proteção Social Básica que trabalha articulada com as demais políticas públicas garantindo com seus serviços, incentivar o protagonismo de seus membros e fortalecer os vínculos familiares ou comunitários, como forma de superar as condições de vulnerabilidade.

Dessa forma, iniciou-se a segunda fase do PAE logo no começo do ano de 2006. O objetivo geral do projeto passou a ser o de possibilitar que o trabalho e a experiência de vida do idoso pudesse contribuir no combate à exclusão social e na socialização de outros idosos, em situação de risco pessoal e social do município do Rio de Janeiro (SETI, 2006). O projeto ainda apresenta como objetivos específicos colaborar no mapeamento da rede de atendimento ao idoso, propiciar o fortalecimento da auto-estima, autonomia e independência do idoso,

contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida destes e contribuir para um processo de envelhecimento ativo e saudável.

A proposta também se baseava no combate à exclusão dos idosos participantes do projeto, de forma que eles pudessem ter acesso à cultura, ao lazer, ao convívio com outros idosos, a conhecer seus direitos, entre outros. A intenção era que esse trabalho também pudesse alcançar outras pessoas, fossem elas idosas ou não. Por isso pensou-se na colaboração dos Agentes para estender a rede de proteção social existente.

As exigências para participar do projeto continuaram as mesmas. Ter mais de 60 anos, renda familiar de até dois salários mínimos e morar nas áreas de abrangência das CAS. A bolsa auxílio também permaneceu com o mesmo valor, por um período de 12 meses.

O PAE nessa fase é desenvolvido pela SEQV em parceria com a SMAS. A SEQV continuou com as atribuições anteriores e acrescenta a capacitação dos Agentes, enquanto a SMAS ficava responsável pelo acompanhamento e supervisão dos Agentes Experientes, além da elaboração de relatórios bimestrais para a avaliação do projeto.

O PAE procurou manter os mesmos agentes que já faziam parte do projeto desde o seu início. Mas alguns preferiram não participar dessa segunda fase. Outros que já não se enquadravam nas exigências do PAE foram convidados a participar do programa Rio Experiente através dos grupos de convivência. Com isso, o PAE passou a contar com o número de 100 idosos presentes nas 10 CAS. Estes foram distribuídos em número de dois a três agentes por cada CRAS, pertencente a uma das CAS existentes no município.

A carga horária foi reduzida para 16 horas semanais e as atividades a serem realizadas seriam determinadas pelas profissionais dos CRAS responsáveis pelo projeto, juntamente com os idosos, levando-se em conta suas opiniões, disponibilidade e interesse. Assim, as tarefas que os Agentes realizam variam de uma CAS para a outra, pois deve-se considerar também as características e necessidades de cada área.

Desse modo, a atividade mais comum a todos os CRAS é acompanhar a equipe de profissionais nas visitas domiciliares. Tais visitas podem estar relacionadas aos programas executados pela SMAS como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), programa Bolsa Família e outros. Mas

essas visitas também podem estar relacionadas com o trabalho do Ministério Público, visto que este fez um convênio com a SEQV solicitando a colaboração dos Agentes Experientes no acompanhamento de alguns processos do Ministério Público, onde ocorrem denúncias de maus tratos a idosos ou outras denúncias relativas a esta população. Essas visitas podem ser ou não feitas juntamente com um profissional técnico do CRAS ou do próprio Ministério Público. Isso acontece porque muitas vezes os idosos se sentem mais à vontade para conversar sobre certos problemas com outros idosos, o que se torna um ganho para o Ministério Público na tentativa de dar seguimento aos processos.

Os Agentes Experientes também visitam instituições. Eles procuram saber informações sobre o funcionamento, o público alvo e de que forma acontece o primeiro atendimento. Estas instituições podem ser asilos, abrigos, clínicas e hospitais, particulares ou não, Postos de Saúde e clubes, entre outros. Os idosos ficam atentos às questões dos direitos, saúde, lazer e cultura, buscando e divulgando as informações nos grupos de convivência dos CRAS, como também, nas associações de moradores, grupos de dança, de ginástica ou em outros locais onde desenvolvam outras atividades. Esses idosos desempenham um papel importante como agentes multiplicadores.

Para conhecer um pouco mais o trabalho desses idosos e entender melhor o significado atribuído a questão da inclusão social, observamos dois grupos de Agentes Experientes de uma área do município do Rio de Janeiro. O resultado dessa observação será o conteúdo do tópico a ser apresentado a seguir.

4.3. Os Agentes Experientes e a Inclusão Social

Apresentamos a seguir um estudo sobre uma experiência realizada junto ao PAE, identificando seus principais desafios na perspectiva da efetivação de sua proposta de inclusão social.

Nosso objeto de pesquisa foram os idosos participantes do PAE, desenvolvido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, através da Secretaria Extraordinária da Qualidade de Vida (SEQV).

Como acontece a inclusão social dos idosos do PAE? Quem são eles? O que pensam sobre o PAE e a inclusão social? Como se sentem enquanto Agentes Experientes? Esses foram alguns questionamentos levantados por nós para nortear esta pesquisa. Nossa proposta era de entrevistar os Agentes, mas optamos por fazer uso da observação participante enquanto técnica de pesquisa, para que dessa forma pudéssemos estudar e avaliar o comportamento dos idosos que participam do projeto em suas reuniões e atividades cotidianas, já que não nos fora permitido realizar entrevistas individuais com os idosos.

Na impossibilidade de entrevistá-los, observamos dois grupos de Agentes Experientes existentes na 2ª CAS, com um total de 20 idosos. Estes foram bem receptivos e entusiasmados por saberem que o projeto no qual estavam inseridos havia motivado uma pesquisa. Eles também se colocaram à disposição em caso de dúvidas sobre eles ou sobre suas atividades no projeto. Nas primeiras observações percebemos que eles permaneceram mais em silêncio. Porém, com o passar dos dias, a situação foi sendo invertida à medida que estes se acostumavam com a presença de um observador nas reuniões. Assim acompanhamos as reuniões por um período de três meses e meio, sendo nos meses de março, abril, maio e junho do ano de 2007. Essas reuniões aconteciam uma vez por semana, em dois Centros de Referência Especializada de Assistência Social, sendo um na área da Tijuca e o outro na área da zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Tínhamos a intenção de também entrevistar as profissionais da SMAS que atuam no projeto. Para tanto, tivemos que solicitar a mesma, através da Escola Carioca de Assistência Social permissão para visitarmos os equipamentos da SMAS, CRAS e CREAS, e entrevistar os profissionais ligados ao PAE. Essa autorização faz parte de uma nova política da SMAS que busca manter-se informada sobre a realização de pesquisas científicas realizadas no interior daquela secretaria. Os pedidos na maioria das vezes são feitos à Escola Carioca, mas também existe a possibilidade de encaminhá-los direto a SMAS, principalmente quando os entrevistados são os usuários dos serviços dessa secretaria. A autorização para entrevistar os técnicos foi prontamente liberada, o mesmo não acontecendo em relação aos idosos. Dessa forma, realizamos entrevista com três profissionais que desenvolvem o projeto na 2ª CAS. Essas profissionais foram identificadas na pesquisa através de nomes de flores.

Violeta é professora graduada em Letras. Está na SMAS a mais de 10 anos como Profissional de Nível Superior (PNS). No CREAS, onde está inserida coordena três projetos criados pela DSS da SEQV. Programa Rio Experiente, Idoso em Família e Agente Experiente, sendo este último desde seu início. Trabalhou anteriormente com idosos em um Abrigo na cidade do Rio de Janeiro. Fez vários cursos ligados à área do envelhecimento, sendo alguns deles na Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ).

Margarida é Assistente Social e trabalha na SMAS há 12 anos. É responsável pelos projetos Rio Experiente, Agente Experiente e o Idoso em Família que deve iniciar ainda este ano no CRAS onde trabalha. Além disso, também tem outras atividades como: atendimento social e atendimento no plantão, Projeto Família Guardiã, Bolsa Família, reuniões, Ouvidoria do Ministério Público (Ouvidoria do Idoso), Processo de renovação do Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) e do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA). É uma profissional entusiasmada com o projeto, acredita que este tem potencial, por isso incentiva muito o trabalho dos Agentes Experientes.

Jasmim é psicopedagoga, está na SMAS como PNS e trabalha com os projetos Rio Dignidade, Rio Experiente e Agente Experiente há pouco menos de um ano. Não havia trabalhado com idosos anteriormente, possuindo somente um curso de capacitação em gerontologia realizado na PUC/RJ há alguns anos. Jasmim trabalha juntamente com Rosa, professora que coordena os projetos para idosos na unidade onde está inserida. Rosa ainda conta com a participação de uma pedagoga, Azaléia, a qual trabalha com os idosos do Rio Experiente e Agente Experiente de uma outra unidade na mesma área. É também nessa unidade que Azaléia realiza atividades com adolescentes. Ressaltamos que as profissionais Rosa e Azaléia não puderam conceder entrevistas, mas colaboraram com alguns relatos, tirando dúvidas após as reuniões com idosos sempre que possível.

Foram entrevistas semi-estruturadas, onde pudéssemos ao mesmo tempo dirigir as questões sem tolher a liberdade do entrevistado para se expressar. Contamos também com a colaboração, através de relatos informais, de algumas profissionais dos CRAS que atuam no projeto em outras áreas, que optaram por

não ser identificadas. Tivemos ainda alguns relatos de uma das profissionais da DSS, que muito nos auxiliou na reconstrução da trajetória do PAE.

Ressaltamos também que nossa pesquisa passou por dificuldades no momento da coleta de dados. Isso ocorreu porque alguns profissionais que atuam nos CRAS não concordaram em conceder entrevistas. Percebemos ainda que os registros do desenvolvimento das atividades do PAE eram limitados. O que nos fez refletir sobre o não cumprimento de uma das atribuições dos CRAS que é a elaboração de relatórios a serem enviados para a SEQV bimestralmente e ao que tudo indica, não vem acontecendo.

Como mencionamos anteriormente, os Agentes Experientes ficam distribuídos pelas 10 CAS. Estas estão localizadas em bairros que possuem as mesmas características geográficas, sociais e econômicas. São responsáveis pela aplicação, coordenação e avaliação da política de assistência nas áreas de abrangência das mesmas.

Cada CAS possui um determinado número de CRAS ou CREAS, locais onde são realizadas as atividades inerentes a cada projeto da SMAS. De acordo com a DSS da SEQV, nem todos os CRAS desenvolvem as atividades do PAE. Assim aqueles nos quais o projeto está presente contam com dois ou três Agentes Experientes. Estes se reúnem com as coordenadoras do projeto nos CRAS, uma vez por semana. Estas reuniões servem para que sejam discutidas as atividades realizadas e as que serão executadas na semana seguinte.

Optamos por fazer nosso estudo utilizando os dados da 2ª CAS. Isto porque durante nossa pesquisa percebemos que o desenvolvimento do projeto não acontecia de maneira uniforme em todas as CAS, porque os CRAS também apresentam características diversificadas, que vão desde a população atendida, o comprometimento dos profissionais e a falta ou o número reduzido destes. Ressaltamos que este último fator contribuiu para a não disponibilidade de alguns profissionais em colaborar com a pesquisa, apesar da autorização para a mesma. Percebemos que no cotidiano dos CRAS há uma preocupação em fazer os atendimentos. Isso não apenas para buscar uma solução para os inúmeros problemas dos usuários, mas também para conseguir “produtividade”. É preciso fazer o atendimento das pessoas que procuram os CRAS e às vezes o profissional não consegue dar conta destes e precisam participar dos encontros com idosos e com adolescentes, entre outras atividades.

Outro fator que contribuiu para realizarmos a pesquisa na 2ª CAS foi a violência. Em 2006, algumas comunidades que tinham CRAS instalados viveram períodos de extrema violência e, para a segurança dos idosos, as reuniões em algumas áreas foram suspensas. Assim, por orientação da DSS da SEQV, decidimos por delimitar nossa pesquisa utilizando apenas os dados referentes ao PAE realizado na área da 2ª CAS.

Esta desenvolve as atividades do PAE de maneira mais sistematizada que as outras coordenadorias. A 2ª CAS possui um cadastro atualizado de seus Agentes Experientes e pelo menos três profissionais, que participam do projeto desde seu início, trabalham diretamente com os Agentes, ou seja, não usam agentes comunitários como intermediários em suas ações.

A 2ª CAS²⁸ atua com os programas da SMAS em 5 CRAS, 4 na Zona sul e 1 na área da Tijuca e 2 CREAS: 1 na Zona Sul e 1 na Tijuca. Nossa pesquisa ocorreu nos dois CREAS, pois estes são os locais onde as coordenadoras do projeto estão lotadas. Na 2ª CAS as reuniões semanais não acontecem nos CRAS de origem de cada Agente. Nesta CAS os idosos dos CRAS correspondentes a área se encontram nos CREAS e assim a reunião acontece em grupo.

Nomeamos como “GRUPO I”, o grupo que se reúne no CREAS Maria Lina de Castro Lima, localizado no bairro de Laranjeiras. E “GRUPO II”, o que se reúne no CREAS Arlindo Rodrigues, na Tijuca. Assim os Agentes Experientes da 2ª CAS estão organizados da seguinte forma:

GRUPO I

CREAS Maria Lina de Castro Lima

- CRAS Maria Vitória

²⁸ A 2ª CAS corresponde as áreas de Vila Isabel e Zona Sul do município do Rio de Janeiro. Abrange os bairros: alto da Boa Vista, Andaraí, Botafogo, Catete, Copacabana, Cosme Velho, Flamengo, Gávea, Grajaú, Humaitá, Ipanema, Jardim Botânico, Lagoa, Laranjeira, Leblon, Maracanã, Praça da Bandeira, Rocinha, São Conrado, Tijuca, Urca, Vidigal e Vila Isabel. Ela desenvolve as atividades dos programas e projetos da Prefeitura em 5 CRAS, 4 na Zona sul e 1 na área da Tijuca; e 2 CREAS; 1 na Zona Sul e 1 na Tijuca.

GRUPO II

CREAS Arlindo Rodrigues

- Casa do Alto – (Abrigo Floriano de Lemos)
- CRAS Renascer do Andaraí

De acordo com as coordenadoras que acompanham estes grupos desde 2004, no início do projeto as reuniões eram realizadas em conjunto, já que os Agentes eram de áreas próximas uma das outras. Com a nova fase do projeto elas decidiram manter os grupos. Isto porque os Agentes residem e atuam em comunidades vizinhas e acabaram formando um círculo de amizade, o que garante que o trabalho flua muito melhor.

Cabe ressaltar que geralmente os CRAS ficam instalados dentro de “comunidades carentes” e realizam atividades relacionadas a Proteção Social Básica, conforme a PNAS. Os CREAS, embora estejam instalados fora das “comunidades”, desempenham basicamente a mesma função, acrescentando-se as ações de Proteção Básica Especial.

No CREAS Maria Lina de Castro Lima reúne-se os Agentes das “comunidades” dos Guararapes, Vila Cândido, Cerro Corá, e ainda dos bairros do Flamengo e Glória. Estes Agentes ficavam distribuídos em alguns CRAS instalados nestas comunidades mas, por motivos institucionais, foram remanejados porque nesses espaços não havia atividades para idosos. Nesse mesmo CREAS reúne-se ainda os Agentes Experientes do CRAS Maria Vitória que está instalado na comunidade do Morro dos Cabritos em Copacabana. Estes Agentes poderiam realizar seus encontros com a coordenadora no próprio CRAS, mas de acordo com Margarida, profissional responsável, eles gostam muito de estar junto com os outros Agentes, saber novidades, partilhar informações, comemorar aniversários, o que ela considera que é na verdade fortalecer os laços de amizade entre eles.

No CREAS Arlindo Rodrigues reúne-se os Agentes Experientes da Casa do Alto (Abrigo Floriano de Lemos) e do CRAS Renascer do Andaraí. Este último compreende as “comunidades” do Alto Simão, Parque Vila e do Andaraí. Da mesma forma que o primeiro grupo, os Agentes do Grupo II também realizam suas reuniões em grupo desde a primeira fase do projeto e decidiram permanecer assim principalmente por causa dos Agentes os quais moram no Abrigo.

Um dos nossos objetivos nesta pesquisa é o de estudar o processo de inclusão social dos idosos a partir de um projeto social. Uma de nossas primeiras preocupações foi tentar responder a questão: Quem são os Agentes Experientes da 2ª CAS? Portanto, procuramos dados que nos permitissem conhecer o perfil desses Agentes Experientes. Para tanto, buscamos informações através das fichas de cadastro dos idosos que estavam no projeto na 2ª CAS, no período entre abril de 2006 a abril de 2007.

Dos idosos participantes do projeto no período citado acima, 15 Agentes são mulheres e 5 são homens. Esse total nos mostra que as mulheres idosas participam mais de atividades fora de seus lares. Segundo Camarano (2004), no Brasil são as mulheres idosas que participam, mais que os homens, de atividades extradomésticas, projetos sociais, cursos especiais. A autora também constata que nas áreas urbanas a predominância feminina se manifesta pela atuação, em sua maioria, de mulheres viúvas e de idades bem avançadas, consideradas mais idosas dentre os idosos. Nos grupos estudados, encontramos 7 viúvas e nenhum viúvo. Temos 4 mulheres casadas contra apenas 2 homens também casados. Neste grupo encontramos 4 Agentes que se declararam solteiros, dois homens e duas mulheres. E ainda 2 divorciados e 1 separado, nestes dois últimos casos todos os declarantes são homens.

Para ser um Agente Experiente é preciso ter mais de 60 anos de idade e, no grupo estudado a maior parte dos Agentes têm idades entre 66 a 70 anos, sendo as mulheres mais idosas que os homens, conforme se verifica na tabela a seguir:

Tabela 1**Distribuição dos Agentes Experientes da 2ª CAS segundo faixa etária e sexo**

IDADE	Homens	Mulheres
De 61 a 65 anos	2	4
De 66 a 70 anos	2	5
De 71 a 75 anos	-	1
De 76 a 80 anos	-	4
De 81 a 85 anos	1	1
Total	5	15

Fonte: SEQV/PCRJ

Em relação à moradia, 14 Agentes declararam que possuem residência própria, com exceção de 3 deles que moram em um abrigo que tem convênio com a Prefeitura. Os outros 2 moram em casas alugadas e apenas 1 não respondeu. Percebemos que 8 deles vivem sozinhos, o que não pode ser entendido como abandono ou solidão. “Viver só pode ser um estágio temporário do ciclo de vida e pode estar refletindo preferências” (CAMARANO, 2002). Observamos que no caso dos Agentes que moram no abrigo, estes não possuem referências familiares, enquanto os outros que moram sozinhos vivem assim por vontade própria. Segundo eles, por serem independentes, já terem criado seus filhos e por desejarem viver como pessoas livres, responsáveis apenas por si próprios.

Quanto à escolaridade, a pesquisa revela que 19 Agentes são alfabetizados, ou seja, sabem ler e escrever. Conseguiram estudar até o nível fundamental, revelando que, dos 20 Agentes, 9 deles conseguiram completar o fundamental e 10 pararam antes de seu final. Apenas um é analfabeto. Este quadro também pode exemplificar o estudo feito por Camarano (2004), que revelou ter havido avanço nos níveis educacionais da população brasileira entre 1940 e 2000. Isto significa que houve um aumento no número de pessoas alfabetizadas e no número médio de anos de estudo. Participam também desse processo os idosos, os quais apresentaram um aumento significativo no número de alfabetizados, sendo esse aumento mais intenso entre as mulheres, apesar dos homens idosos estarem em melhores condições de alfabetização que as mulheres na mesma faixa etária. A

necessidade de saber ler e escrever para um Agente Experiente é fundamental. Ele precisa anotar as informações que recebe nos locais onde visita para depois repassá-las. Se não conseguir fazer por escrito suas observações, pode fazê-lo oralmente, mas o mais difícil é guardar tudo na memória. Na tarefa de Agente Experiente, este precisa fazer anotações, ler cartazes e folders, guardar endereços, nome de pessoas ou locais e fazer comentários a respeito de suas visitas, capacitações e atividades em geral. Para isto, cada Agente possui um diário onde anotam tudo o que fazem relativo ao projeto. No GRUPO I, um dos Agentes é analfabeto. Mas esta Agente não tem dificuldades para exercer suas funções, pois atua em parceria com uma companheira de projeto que faz as anotações necessárias, enquanto a outra procura conversar mais, no sentido de colher mais informações.

Enquanto Agentes Experientes os idosos poderiam ter uma renda familiar de até dois salários mínimos. Quanto à renda dos 20 Agentes pesquisados, 9 deles são aposentados e 4 pensionistas, 2 recebem BPC e 1 está inscrito no Programa Bolsa Família. Recebem em torno de um salário mínimo por mês. Apenas 1 dos Agentes recebe aposentadoria juntamente com pensão e os 3 Agentes restantes que moram no abrigo só possuem a bolsa auxílio do projeto como fonte de renda. O dinheiro dessa bolsa auxílio garantida pelo projeto é usado, muitas vezes, como complemento da renda que já recebem para os gastos com alimentação e medicamentos, incluindo aí tratamento de saúde, que tem uma importância maior na velhice. Destacamos que o atendimento à saúde é um dos principais problemas que a população brasileira idosa enfrenta hoje (IDOSOS..., 2006). Os gastos com alimentação e medicamentos refletem as condições de saúde dos Agentes. Neste campo, a pesquisa revelou que a maioria deles apresenta problema de hipertensão e/ou diabetes. E ao todo, 65% dos Agentes fazem uso de algum tipo de medicamento de uso contínuo, o que exige uma alimentação saudável, com ingestão de frutas, legumes e verduras. Porém, alguns idosos nem sempre podem seguir tais recomendações médicas já que os baixos valores das aposentadorias e pensões acabam por suprir outras necessidades, enquanto a alimentação acaba consumindo apenas o valor necessário para o que é básico. O relato de uma idosa do Grupo I em uma das reuniões identifica o que é básico na sua alimentação:

O que não pode faltar é o arroz, o feijão e o leite. O resto quando sobra a gente compra (Idosa do Grupo. I. Reunião - 25/05).

Dentre os Agentes, 6 deles declararam ter doenças reumatológicas, mas nada que atrapalhe sua participação no projeto. Quando perguntados se praticam atividades físicas ou de lazer, 17 deles responderam que participam de outros projetos da SEQV, desenvolvidos pela diretoria de Esportes e Lazer. Assim eles praticam ginásticas nas praças ou nos CRAS, freqüentam bailes para terceira idade e fazem passeios turísticos, além de participarem dos grupos de convivência nos CRAS, onde acabam fazendo também artesanatos e conversam sobre assuntos diversos.

No GRUPO I, um dos Agentes Experientes é deficiente visual e conforme declaração da assistente social Margarida, supervisora que o acompanha desde o início do projeto, ele é muito participativo.

Ele trabalha normalmente. A deficiência dele não é dificuldade. Ele vai a todos os lugares, claro que a outra Agente Experiente que anda com ele auxilia, para caminhar, e ir a alguns locais, ela auxilia. Mas ele é muito participativo, é um dos mais participativos. Até mais do que muitos que não tem deficiência nenhuma. Ele sabe de tudo, participa de tudo. É antenadíssimo! Ele faz tratamento, ou seja, toda a terapia dele ele faz no Instituto Benjamim Constant. Ele é do grupo de teatro do Benjamim Constant. Ele faz cerâmica no Benjamim Constant. Então, ele é uma pessoa muito ativa. A deficiência visual dele não atrapalha em absolutamente nada. Ele vai a tudo, ele fala... só quando as coisas são escritas, quem escreve é a outra Agente. Mesmo assim, às vezes, é ele quem dita. Ele já participava há muitos anos do Rio Experiente, e participa. E quando o projeto (Agente Experiente) começou nós perguntamos quem queria participar e ele logo de cara se ofereceu. Então, ficou e está até hoje. Ele é muito presente. E quando ele não está todo mundo sente falta dele, pergunta por ele, porque ele é muito participativo. (Margarida)

Nas reuniões observamos que ele é realmente muito falante e desinibido, diferente de sua companheira no projeto que é mais calma e é ela que acaba

impondo limites às intervenções dele. É um Agente comprometido com o projeto e atua como um canal de divulgação do mesmo, não só para outros idosos como também para outros deficientes, já que é conhecido por todos na comunidade onde mora.

Como o trabalho desses Agentes Experientes pode possibilitar a inclusão social dos mesmos? Para tentar responder esta questão, procuramos conhecer um pouco das atividades que eles realizam em cada Grupo.

Grupo I

No GRUPO I as reuniões, chamadas por eles de “encontros”, acontecem uma vez por semana, às segundas-feiras na parte da manhã. Essas são realizadas no salão existente na instituição. É um local amplo localizado no andar térreo do prédio o que facilita o acesso dos Agentes. Os Agentes se sentam em círculo juntamente com as profissionais, o que possibilita uma reunião de caráter menos formal e ainda a participação de todos. As reuniões estão divididas em duas partes. Na primeira, os Agentes apresentam as informações dos trabalhos que eles desenvolveram durante a semana, assim como sugestões, dificuldades e dúvidas que surgiram nesse período. E na segunda parte, as profissionais procuram trabalhar com eles alguns temas, tendo por base textos reflexivos, que abordam questões como saúde, história de vida, auto-estima, entre outros temas de interesse.

O trabalho dos Agentes se realiza em dupla. Cada dupla fica responsável por uma temática como saúde, cultura, lazer, área jurídica etc. Atualmente o grupo está participando das reuniões da Comissão do Idoso na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). No final do ano de 2006 eles participaram de uma reunião com o subprefeito da área da zona sul, no próprio CREAS M^a Lina, para discutirem propostas sobre o que poderia ser feito naquela área para melhorar a qualidade de vida dos idosos, o que foi levado em consideração pelo subprefeito. Apenas as reclamações referentes às pessoas que andam de bicicletas nas calçadas e nas praças é que não conseguiram uma resposta positiva, isso porque, não existe uma legislação no município que determine as regras para o uso de bicicletas nas vias públicas. Essa atividade tem deixado os idosos preocupados por causa dos frequentes atropelamentos e assaltos. Para enfrentar o

problema eles estão iniciando contatos com uma Comissão na Câmara dos Vereadores para que ela possa pensar sobre o assunto e criar uma lei que organize o espaço das bicicletas, na tentativa de reduzir o número de acidentes que, para um idoso, pode ser de muito risco.

Os Agentes também visitam Postos de Saúde e hospitais para obter informações sobre as clínicas oferecidas e o que é preciso para um atendimento de primeira vez. Através dessas visitas, descobrem ainda as clínicas particulares que possuem convênio com o SUS para exames ou tratamentos.

A dupla responsável pela cultura e lazer visita a administração de parques, museus e casas de cultura para também colher informações sobre horário de funcionamento e descontos para estudantes e idosos e qual a programação do mês corrente para divulgação. Quando possível, elas agendam visitas para que os Agentes do grupo e os idosos dos grupos de convivência do CREAS M^a Lina possam realizar passeios culturais ou de lazer. Para fazerem esses passeios eles podem utilizar o transporte da Prefeitura ou mesmo o transporte público, pois possuem gratuidade nas passagens.

Assim, os Agentes colhem informações, registram tudo em seus diários, repassam para o grupo nos encontros e depois as profissionais se encarregam de repassar essas informações para o CREAS e o CRAS, contribuindo para o mapeamento da rede de recursos existentes naquela área e, quando possível, nas associações de moradores das comunidades onde moram e também escolas.

Nesse grupo, encontramos 4 Agentes na área da educação. Uma delas está iniciando o trabalho em uma creche comunitária localizada na comunidade dos Guararapes. Por ser um trabalho novo, as profissionais do PAE estão juntamente com as profissionais da creche, decidindo alguns detalhes para o início efetivo dos trabalhos. Elas consideram que esta será uma experiência importante, pois, significa a oportunidade de poder trabalhar ainda mais a questão da intergeracionalidade. Quanto às outras 3 Agentes, estas atuam em uma escola localizada na mesma Comunidade. É a Escola Municipal Guararapes Cândido, que trabalha com crianças desde o curso de alfabetização (CA) até a 5^a série do ensino fundamental. Segundo Violeta, as idosas foram até a escola e fizeram uma proposta para trabalharem lá em alguma atividade. A coordenadora pedagógica da escola aceitou e, depois de algumas reuniões, elas começaram a desenvolver a atividade de “contar histórias” para as crianças. Mas a diretora da escola queria

fazer um trabalho que envolvesse as crianças que muitas vezes ficam sozinhas em casa ou ficavam nas ruas e tinham problemas na família. Para tanto, decidiu então pedir as idosas que desenvolvessem atividades que pudessem despertar nas crianças valores como amizade, respeito e companheirismo, assim como trabalhos manuais, não excluindo a atividade de contadoras de histórias. Violeta informou que o resultado está sendo ótimo e que a diretora da escola tem elogiado muito o trabalho delas. Como resultado mais imediato, a diretora reconhece que o comportamento das crianças vem mudando e que estas gostam muito das Agentes e as identificam como alguém da família, pois elas moram na mesma comunidade e são vistas pelas crianças como pessoas comuns, que têm sonhos e dificuldades assim como elas.

Muitas crianças apresentam problemas de relacionamento na escola em decorrência dos problemas que enfrentam em casa com suas famílias. Nesses casos, as idosas, para algumas destas crianças, representam uma referência de amor, carinho e atenção. As Agentes, durante os encontros, relatam experiências bem sucedidas com grande entusiasmo e alegria. Sentem-se como co-responsáveis por aquelas crianças e felizes por estarem contribuindo para a educação delas, transmitindo-lhes conhecimentos e despertando nelas sentimentos que elas classificaram como “bons”.

Quando a gente chega, elas vêm correndo falar conosco, querem contar as novidades e quando não vamos a escola por algum motivo, elas vão lá em casa saber da gente. É muito bom! (Idosa Grupo. I - Reunião 11/06)

Eu que achava que não tinha mais nada para fazer, agora tenho e muito! (Idosa Grupo. I - Reunião 11/06)

Para uma das idosas, este trabalho tem sido muito gratificante, pois ela estava vivendo um processo depressivo depois do falecimento de uma pessoa da família e este contato intergeracional vem possibilitando a recuperação de sua auto-estima. Ressaltamos que é nesse grupo que se encontra a Agente que é analfabeta. Esta conta as histórias que ouvia quando criança e também como foi sua infância, fazendo com que os alunos conheçam uma outra época, com modos

de vida tão diferentes das que elas conhecem. Em realidade, esta atividade possibilita uma troca entre as gerações, onde uma acaba conhecendo o universo da outra e aprendendo a se relacionar mutuamente.

Cabe ressaltar que a questão da saúde é recorrente entre os idosos. Por esta razão o tema mais abordado durante os encontros deste GRUPO I está relacionado à saúde. Eles reclamam sempre da forma como os idosos são tratados nos postos de saúde e hospitais da zona sul embora tenha alcançado bons resultados no Posto de saúde que fica localizado no Complexo do Cosme Velho. Esta mudança ocorreu depois de uma visita do grupo ao serviço, ocasião em que eles colocaram suas queixas sobre o atendimento e deram algumas sugestões aos representantes da direção do mesmo. Em resposta, eles conseguiram um atendimento melhor, com mais dignidade. Agora tanto os Agentes como outros idosos frequentadores do Posto de Saúde conseguem resolver quase todos os seus problemas no próprio posto sem necessidade de saírem em busca de outros atendimentos em outras áreas. Quando o atendimento não é possível no posto pela não existência da clínica, os idosos já saem de lá com os encaminhamentos feitos para os locais certos, a fim de que possam fazer o devido tratamento.

São as profissionais que acompanham as atividades dos Agentes que estão mais próximas destes. Por esta razão, buscamos saber dessas profissionais a sua visão sobre o PAE e o significado do trabalho dos Agentes. Violeta e Margarida, profissionais que atuam junto aos Agentes do GRUPO I, concordam que os Agentes se sentem valorizados. Como alguém importante que realiza um trabalho reconhecido pela comunidade e pelos CRAS. Os Agentes trabalham com empenho e responsabilidade considerando que algumas Agentes nunca exerceram atividades fora de suas casas. Margarida ressalta que, para os Agentes, é super importante estarem ligados à Prefeitura. Margarida falou também como os Agentes se sentem em relação ao uso das camisetas criadas para identificar o idoso que participa do projeto e a respeito do reconhecimento da comunidade ao comentar sobre a visão que outras pessoas têm sobre o trabalho dos Agentes.

Lá na minha área eu tenho dois Agentes. Lá [...] eles fazem visitas. Agora mesmo a gente tinha que fazer visita para convocar pessoas que estavam com o benefício do Bolsa Família bloqueado por falta.

Na verdade eles precisavam vir ao CRAS para uma reunião para ser explicado o motivo do bloqueio. Assim, os Agentes foram encarregados de irem nas casas, e eles fizeram super bem e as pessoas vieram a reunião. E disseram: “Ah! Chegou lá um senhor e disse que era Agente Experiente e disse que eu tinha que vir a reunião, que era importante...” O pessoal da comunidade reconhece, todo mundo sabe lá [...], que eles são Agentes Experientes, que eles tem essa ligação com a Prefeitura, que eles trabalham para a Prefeitura. É até muito engraçado: “que eles trabalham para a Prefeitura!” eles tem status! E eles se sentem, acho que todo mundo se sente importante. (Margarida)

Isso acaba incentivando outros idosos a participarem dos projetos da SEQV. Muitas vezes é a partir da conversa com eles que outros idosos tomam conhecimento de seus direitos e da possibilidade de terem acesso a serviços que até então eles não sabiam que poderiam usufruir. De acordo com Margarida, eles foram elogiados pelo presidente da associação de moradores, por estarem contribuindo com outros idosos da comunidade que não participam dos projetos da prefeitura e por isso nem sempre sabem como devem agir em determinadas situações.

Por outro lado, eles também reclamam às vezes, quando estão sem as camisetas do projeto por serem tratados de forma diferente nos locais onde fazem visitas pela primeira vez. Por isso é que estar identificado como Agente Experiente da prefeitura dá a eles um status diferente, como alguém que não está ali por brincadeira ou por falta do que fazer, que é o que eles geralmente ouvem.

A bolsa auxílio que eles recebem, de acordo com as profissionais, é importante, pois acaba reforçando a renda. Mas elas acreditam que tão ou mais importante para eles é a valorização deles enquanto pessoas capazes. Uma prova disso aconteceu nos primeiros meses do ano de 2007, quando a SEQV, através da DSS, assumiu o PAE e este não pôde efetuar o pagamento das bolsas auxílio por problemas no orçamento da secretaria. Mesmo assim os Agentes optaram por continuar desenvolvendo suas atividades, porque para eles estas são muito importantes. Yazbek (2003) compreende que ser considerado excluído não pode ser apenas no âmbito do consumo de mercadorias e da riqueza social, mas de conhecimentos necessários para compreender a sociedade em que vivem. Dessa

forma, entendemos também que quando os agentes realizam as atividades do projeto, eles estão também tentando se incluir na sociedade não como consumidores mas como cidadãos.

Quanto a inclusão social, percebemos entre as profissionais uma certa dificuldade em esclarecer o que seria “inclusão social” para elas. Na verdade todas concordam que a inclusão social é muito mais do que um apoio financeiro. É ter acesso a meios que possibilitem lutar contra a exclusão.

Paralelo a bolsa tem que dar dignidade! Só entendo que a pessoa está incluída quando você consegue garantir os mínimos sociais, ou seja, acesso à educação, à moradia, saúde, atendimento decente. (Violeta).

A parte financeira a gente tem que falar porque ela existe e ela é importante mas não acho que seja por aí[...]

A gente sabe que essa é uma ajuda porque....Claro, eles têm despesas e sabemos que hoje em dia é o idoso quem sustenta a casa de filho, de neto... Então é realmente importante, mas não é o mais importante para eles no projeto. Para eles o mais importante é ser reconhecido como pessoa útil. Logo conhecer seus direitos e deveres, saber onde e como e a quem reclamar, ser respeitado e valorizado como pessoa, respeitando a si próprio e valorizando a si próprio, isso é inclusão social. (Margarida)

As profissionais entrevistadas acreditam que o projeto possibilita a inclusão social não só dos Agentes como também de outros idosos e outras pessoas. Segundo elas essa não é uma inclusão financeira, é muito mais do que isso. Os Agentes estão ali, fazem parte da sociedade e querem o melhor para ela. Eles começam a ter acesso à informações, bens e serviços. Isso melhora a auto-estima e faz com que se reconheçam como membros da sociedade.

Eles têm um status de pertencimento. Eu me lembro que tem uma crendice que diz: ‘Ah! Porque eu sou idoso não pertenço a sociedade’. A vida não acabou por que eles envelheceram, ela continua! (Margarida)

Para as profissionais, o PAE age como uma estratégia que viabiliza a inclusão social, entendendo esta como uma política de inclusão no sentido expresso por Sposati (2001), apresentado anteriormente. Trata-se, portanto, de uma intervenção que procura despertar o desejo de desenvolver as relações sociais, fortalecer a auto-estima, a autonomia e a independência. É importante destacar que a visão das profissionais também corresponde a de Sasaki (1997), abordado no início deste trabalho, onde segundo ele a inclusão é um processo de construção de uma nova sociedade que se dará através de transformações que precisam começar pelos próprios protagonistas deste processo.

A seguir passaremos as observações relativas ao GRUPO II.

Grupo II

Neste segundo grupo, os encontros acontecem também uma vez na semana, só que às terças-feiras, no CREAS Arlindo Rodrigues. Esses encontros são realizados em uma sala. Diferente do primeiro grupo, o local é pequeno, porém, bem ventilado, conta com duas janelas e um ventilador no teto. O acesso é fácil já que o CREAS Arlindo Rodrigues possui todas as suas instalações no andar térreo. Na sala onde os Agentes se encontram, cabe um armário e uma mesa grande. É nessa mesa que os Agentes se sentam em torno, juntamente com as profissionais durante as reuniões. Este grupo é um pouco diferente no sentido de serem seus Agentes mais comunicativos e extrovertidos e por seu relacionamento com as profissionais ser mais independente. Como o primeiro grupo, eles também apresentam as informações dos trabalhos que realizaram na semana e aproveitam as reuniões semanais para colocarem suas dúvidas, dificuldades e sugestões. As atividades deste grupo estão mais voltadas para a melhoria da qualidade de vida das comunidades a que pertencem.

A organização do grupo é mais avançada, pois os Agentes controlam a produtividade através de um instrumento para registro criado por eles em conjunto com as profissionais. Esse instrumento contempla as principais atividades realizadas pelos Agentes e se constitui numa tentativa de sistematizar as atividades e facilitar a elaboração dos relatórios de produtividade dos projetos que os CRAS precisam enviar todos os meses para as CAS.

Os Agentes do GRUPO II também saem em dupla, mas não estão divididos por assuntos como saúde, cultura etc... Eles decidem nos encontros onde irão realizar suas visitas, planejam as atividades e quem deverá executá-las. Esta forma de organização possibilita que todos os Agentes do grupo estejam aptos a fornecer informações sobre vários temas. Assim, eles procuram saber como acontecem os atendimentos de primeira vez nos Postos de Saúde e Hospitais da região, fazendo visitas e conversando com assistentes sociais e até mesmo com diretores das unidades médicas. Algumas dessas visitas são previamente agendadas. Eles acompanham alguns idosos nas consultas médicas e marcam consultas para aqueles que apresentam dificuldades de locomoção. Após um treinamento que tiveram na Superintendência da Previdência Social – Gerência Rio de Janeiro no Centro da cidade, eles também já conseguem dar informações sobre aposentadorias, como solicitar pensão por morte e auxílio doença. Orientam sobre o BPC e o Rio Card que é o passe livre destinado aos idosos, deficientes e portadores de doenças crônicas degenerativas, para que possam ter acesso ao transporte público gratuito. Auxiliam também aqueles que precisam de documentos, acompanham visitas do Ministério Público, visitam farmácias populares para saber informações sobre a relação de medicamentos oferecidos e aqueles que estão em falta e ainda orientam outras pessoas a fazer o cadastro nestas farmácias. Fazem visitas domiciliares e em hospitais quando são informados que algum idoso da comunidade está hospitalizado, como também aqueles que moram em abrigos ou não têm referência familiar. Nesse grupo, o foco de suas atenções está na qualidade de vida dos idosos.

Após uma visita a um idoso no Hospital do Andaraí, os Agentes, depois de algumas tentativas, conseguiram fazer parte de uma comissão que está discutindo, junto a direção do hospital, melhorias no atendimento, principalmente após o hospital ter retornado para a administração do governo federal. Todos os Agentes Experientes do município participaram de um curso onde lhes foi apresentado o

Estatuto do Idoso, assim eles também falam sobre o mesmo para outras pessoas que não sejam necessariamente idosas, as quais não sabem o que ele representa. Segundo Jasmim, uma das profissionais que coordena o GRUPO II, uma vez um dos idosos do grupo precisou ir a uma agência bancária próxima ao CREAS para fazer um saque e pagar uma conta, quando percebeu que no banco não havia um atendimento preferencial para idosos e tampouco cadeira para que estes pudessem aguardar o atendimento sentado, o que o levou a reclamar com um funcionário. Mas nada foi feito e no mês seguinte o Agente encontrou a mesma situação. Os Agentes então foram, em grupo, até a agência bancária e falaram com o gerente sobre a situação e a necessidade de oferecer um tratamento diferenciado ao idoso que vai àquela agência bancária ou a outras. O gerente aceitou algumas das sugestões e atendeu prontamente os Agentes, disponibilizando dois caixas para atendimento aos idosos no período onde são feitos os pagamentos de benefícios de aposentadorias, além de, no momento, já contarem com algumas cadeiras para que os idosos possam sentar enquanto aguardam o atendimento. Novamente o uso da camiseta torna o trabalho dos Agentes mais aceito e respeitado. Mostra também o preconceito existente na sociedade que não reconhece os direitos dos idosos e tão pouco acredita que estes devam ser respeitados. No momento em que o primeiro Agente fez a reclamação ele estava sozinho. Na segunda reclamação, eles foram em grupo e estavam identificados como Agentes Experientes pela camiseta do projeto, o que contribuiu para que o atendimento fosse diferenciado. Assim como o GRUPO I, eles também reclamam que às vezes, são tratados como “pessoas que não têm o que fazer”. Esse fato, de serem classificados como “desocupados”, incomoda muito aos Agentes, pois eles entendem como uma ofensa.

Eu não estou à toa. Agora minha ocupação é outra.
Já trabalhei muito na vida! (Idosa Grupo II –
Reunião 17/04)

De acordo com Jasmim, algumas vezes eles saem em grupos, com cinco Agentes para fazer alguma visita, pois o tratamento é diferente daquele que eles recebem quando estão sozinhos ou em dupla. Na verdade, eles criam estratégias para que possam fazer valer seus direitos e agir em grupo é uma delas.

Os Agentes ainda buscam informações sobre cultura, esporte, lazer, e outros eventos na área da Tijuca, zona sul e outras. Participam de palestras oferecidas ao público por uma rede de farmácia. Geralmente essas palestras falam sobre saúde, alimentação e envelhecimento saudável. Muitas informações são apresentadas nos encontros, divulgadas nos grupos de convivência onde participam, associação de moradores das comunidades onde moram e nos CRAS, onde ajudam a mapear a rede de recursos. Uma das Agentes pertence a uma associação de mulheres, e sempre apresenta para o grupo algo novo que acontece nessa associação, como também divulga e orienta as pessoas que lá freqüentam a partir do trabalho desenvolvido no PAE.

Este é um trabalho de formiguinha. Cada um vai falando para outro e um dia todos saberão de seus direitos e deveres, principalmente os idosos ... (Idoso Grupo II – Reunião 17/04)

O tema mais abordado por eles nos encontros também é sobre a saúde. Segundo eles, existe um total desrespeito e preconceito em relação ao idoso, não apenas nos postos de saúde, como também nos Hospitais. Não há médicos e tampouco, medicamentos que as farmácias dos postos deveriam distribuir. Em situações de emergência o problema fica pior, pois segundo eles as emergências estão lotadas de idosos, na maioria das vezes por aqueles que não tem para onde ir e quem chega para ser atendido na emergência depende da boa vontade dos médicos ou da sorte.

Velho quando fica doente tem que morrer logo, se for para a emergência vai ficar lá toda vida esperando. Porque eles acham que a pessoa tá velha e não precisa viver mais e vai atendendo os mais novos primeiro. Eu acho isso errado, pois eu acho que a gente pode até morrer, mas sabendo que alguém se importou um pouco com a gente... (Idosa GRUPO II – Reunião 29/05).

No hospital é assim. Se o idoso ficar doente e tiver um mais novo também doente na emergência, eles atendem o mais novo... (Idosa GRUPO II – Reunião 05/06).

Na visão das profissionais que estão com eles Rosa, Jasmim e Azaléia, o PAE para estes idosos é importante, porque o trabalho deles faz com que se “sintam vivos”. Sá (2004) ao estudar o significado que os idosos atribuem à sua presença no mundo, revela que:

O estar no mundo tem, para o idoso, uma importância muito grande e um peso significativo no contexto das relações sociais. [...] *Ser e existir* passam a ser prioridade e o idoso anseia pela realização plena de sua vida. Seu comportamento socioemocional o acompanha com intensidade, mesmo que ele faça valer interesses sociais, grupais e comunitários (SÁ, 2004. p.353).

Segundo Azaléia, alguns dos Agentes têm problemas de solidão, doenças ou não possuem referência familiar, e o projeto procura fazer com que estes saiam do isolamento. Os Agentes transmitem as informações que recebem para outras pessoas que desconhecem seus direitos, não sabem como devem agir para resolver certos problemas ou até mesmo como participar de eventos culturais e de lazer. Assim eles também se auto valorizam e realizam suas atividades com responsabilidade. A atitude deles acaba influenciando outros idosos, e aos poucos eles estão sendo vistos como referência em suas comunidades, nos abrigos onde moram e em outros locais onde participam de outras atividades como dança, coral, ginástica, etc.

A bolsa auxílio, da mesma forma que foi colocado no GRUPO I, também é importante, principalmente para aqueles que não possuem outra fonte de renda, como é o caso dos Agentes que estão nos abrigos, mas não chega a ter o mesmo valor que é ser reconhecido como cidadão. Eles também optaram por continuar exercendo as atividades do projeto no período em que a SEQV não pôde efetuar o

pagamento das bolsas e ainda auxiliaram aqueles que não possuíam nenhuma fonte de renda.

[...] hoje eles estão envolvidos com o trabalho, gostam do que fazem e demonstram orgulharem-se da importância que representam junto àqueles que ajudam. (Jasmim)

Assim como o Grupo I, as profissionais do GRUPO II acreditam também que o projeto possibilita a inclusão social, não somente dos Agentes, mas também daqueles a quem eles auxiliam nas comunidades. Do ponto de vista de Sá (2004), o idoso quer *ser*, ser importante, mas quer também *estar com*, num sentido de comunhão, cooperação, coexistência, entre outros. A vontade do idoso é tornar-se pessoa através de seus pares e é capaz de incorporar na sua relação não apenas a família, mas também crianças, outros idosos, o próximo, os fracos, os fortes... O mesmo acontece com os Agentes, onde o importante para eles é conhecer seus direitos e serem incentivados a continuarem ativos. É o que as profissionais procuram fazer com os Agentes. Elas também não acreditam que a inclusão deva ser pensada apenas economicamente. Esta tem sua importância mas, para o idoso, entender a sociedade em que eles estão vivendo também deve ser levando em conta.

A inclusão social não pode ser pensada só no aspecto de suprir necessidades básicas como saúde, moradia, trabalho, temos que pensar, principalmente com os idosos, na inclusão social no que abrange lazer, programas culturais, convívio social para estimular sua auto-estima e independência e sua cidadania! (Jasmim)

Os dados da pesquisa sobre os dois grupos de Agentes Experientes da 2ª CAS, e a observação participante, revelaram uma maneira diferente de trabalhar com idosos, principalmente aqueles que são independentes, ativos e que não têm a saúde tão comprometida. Os Agentes representam aqueles idosos que querem ver

o mundo, participar dele. Apesar de também participarem dos grupos de convivência, eles querem mais do que artesanato ou bailes para idosos. Podemos observar, durante os encontros, que os Agentes Experientes gostam de conhecer pessoas e lugares diferentes e aprender coisas novas. Não querem ficar em casa sem fazer nada, querem ir para as ruas.

Percebemos ainda que os Agentes Experientes, juntamente com as profissionais, procuram formar as duplas de acordo com as afinidades existentes. Podemos citar como exemplo o Agente que é deficiente visual. Sua companheira é como se fosse seus olhos e suas mãos, enquanto ele faz todo o trabalho de transmitir as informações. No GRUPO II observamos também que eles não excluem os companheiros por que um tem mais ou menos estudo que outro, ou porque um tem mais qualidades que o outro. Eles se utilizam dessas qualidades convidando aquele Agente para participar daquelas ações em que um outro Agente sente mais dificuldades em realizá-las. Durante as reuniões foi observado, ainda, que os Agentes da 2ª CAS possuem um bom relacionamento uns com os outros, como também com as profissionais e outros funcionários dos CRAS e dos CREAS. Claro que, às vezes, testemunhamos momentos em que ocorreram pequenos conflitos, devido a horários e atividades não realizadas, mas em todas as vezes eles próprios juntamente com as profissionais conseguiram contornar a situação. Os Agentes do CRAS M^a Vitória demonstraram ser mais independentes do que o restante do grupo que fica no CREAS M^a Lina. Eles têm mais iniciativa, o que é positivo, pois esta atitude acaba contagiando os outros idosos que participam do grupo e ainda não conseguiram ter esta atitude.

Os Agentes Experientes dos GRUPOS I e II que foram citados na pesquisa representam uma exceção no projeto, no sentido de realmente poderem realizar as atividades propostas a eles. Os Agentes se empenham e sentem-se bem participando do projeto porque, na maioria das vezes, são incentivados pelas profissionais que os acompanham. O ritmo de trabalho de cada grupo tem um pouco das características de quem os coordena. Estas orientam e explicam os fatos que eles desconhecem ou que não compreendem. As profissionais ficam atentas às atividades que eles desempenham, seja em grupo ou individual, mas sempre dando a eles autonomia e independência para que possam realizá-las. As profissionais, na verdade tentam despertar nos Agentes o sentido de empoderamento ou *empowerment*, outro conceito inclusivista abordado por

Sassaki (1997) que significa o processo pelo qual uma pessoa ou um grupo usa o seu poder pessoal inerente à sua própria condição - deficiente, gênero, idade – para tomar decisões e fazer escolhas, assumindo de fato o controle de sua vida. Desde a sociedade moderna a velhice é marcada pela desvalorização. No Brasil esta ainda carrega a herança da pobreza sofrida e sem voz (YAZBEK, 2003 e TELLES, 2001). Por isso, entendemos que o apoio e o encorajamento das profissionais é muito importante para que as atividades sejam bem-sucedidas.

Alguns Agentes encaram o projeto como se estivessem ainda em um emprego, respeitam horário, hierarquias. Não que isso não seja necessário, mas representa o não rompimento com o mundo do trabalho, ou conforme expressou Telles (2001), a obediência a uma regra existente na tradição brasileira onde esta só prescreve o acesso aos direitos sociais e o reconhecimento da cidadania ao indivíduo trabalhador.

Segundo as profissionais, os Agentes Experientes dos dois grupos são mais ativos e dinâmicos do que os idosos que participam apenas dos grupos de convivência. São independentes e depois de conhecerem o projeto tornaram-se também mais críticos. Eles demonstram gostar das atividades dos grupos de convivência, mas preferem o PAE. Percebemos o entusiasmo dos Agentes quando eles participam em conjunto das capacitações que acontecem no auditório do Centro Administrativo São Sebastião, sede da PCRJ. Nestas atividades, são abordados temas variados como o Estatuto do Idoso, nutrição, saúde e meio ambiente. Este último tema tem despertado muito interesse nos Agentes, principalmente quando a questão está relacionada à reciclagem de materiais, pois para alguns a venda de garrafas do tipo “Pet” ou latinhas de alumínio e outros materiais, significa aumento na renda familiar. Eles são participativos, questionam e fazem observações baseadas em suas experiências de vida. Demonstram que, apesar do que muitas pessoas acreditam, eles estão atentos a tudo que acontece não só no Brasil, como também no mundo. Esses encontros são muito positivos, pois geralmente eles dividem com outros Agentes, de outras CAS, suas dúvidas e também as novidades. É importante também para os idosos que vivem nos abrigos já que acabam se relacionando com outros Agentes, aumentando seus círculos de amizade e evitando o isolamento.

Antes das reuniões iniciarem efetivamente, os Agentes sempre conversam sobre o que está acontecendo no mundo ou na cidade e, às vezes, discutem sobre

temas polêmicos como política, aborto e violência. Sobre a violência, principalmente a existente nas comunidades, as profissionais relatam que isto não impede o desenvolvimento do trabalho. Isso porque eles são da comunidade e são conhecidos. E até o fato deles serem conhecidos facilita no sentido deles poderem chegar a locais onde os técnicos dos CRAS não conseguem chegar. Observamos nas reuniões que eles ficam preocupados, mas não deixam de tentar viver uma vida normal e realizar suas atividades. Eles criam estratégias para poder passar por essas situações. Quando a situação se apresenta de forma que coloque em risco a vida dos Agentes, eles procuram permanecer em suas casas até que a situação seja normalizada.

A violência não atrapalha, porque eles são moradores. Às vezes sim, porque eles têm dificuldades de irem a alguns locais. Agente [...] tem um local lá que é o mais barra pesada, [...]. Que agora até tem uma senhora que quer entrar para o projeto, que mora neste local. Então eu gostaria de colocá-la também, porque a gente tem dificuldade de ir até lá, a gente tem medo, porque é bem violento. É uma parte do morro que [...] é bem complicado. [...] Às vezes eles tem dificuldade não por serem Agentes Experientes, mas enquanto moradores e por estarem em um local que é conflitado. Eles criam estratégias e não têm dificuldades por serem moradores. Nós até somos conhecidas, mas não somos moradores. (Margarida)

Embora sejam pessoas e grupos com características diferentes, a vontade de trabalhar e de fazer algo está presente nos dois grupos, pois sabem a importância de serem protagonistas de sua história conforme o pensamento de Paz (2004) apresentado no início deste trabalho. Para Telles (2001), no horizonte da cidadania o “pobre” não existe. Ela acredita na existência de indivíduos ou grupos em situações de destituição de direitos. Os Agentes Experientes querem mudar essa situação através da prática da cidadania que considera as necessidades sociais e coletivas através dos direitos, e isto se faz a partir da:

[...] passagem da natureza para a cultura, tirando o outro do indiferenciado e inominado, elaborando sua(s) identidade(s), construindo o(s) seu(s) lugares

de pertencimento e integrando-o(s) por inteiro nesse espaço em que a experiência do mundo se faz como história (TELLES, 2001. p.52-53).

As coordenadoras do PAE nos CRAS declararam que gostariam que o projeto fosse ampliado e levado para todas as comunidades. Embora entendam que ainda há muito a ser feito. Da mesma forma, concordamos que ainda há muito a ser feito, mas o primeiro passo já foi dado. A idéia de ampliar o projeto implantando-o em outras comunidades também é compartilhada por nós. Porém, gostaríamos de sugerir que o projeto seja implantado de maneira uniforme, talvez fazendo uso de algumas ações realizadas pelos grupos da 2ª CAS como: a reunião em grupo como forma de permitir que todos tenham acesso as informações referentes às instituições e serviços das áreas visitadas e ainda o fortalecimento das relações sociais; trabalho nas escolas o que possibilita o desenvolvimento da intergeracionalidade; criação de um instrumento de sistematização das atividades e a ampliação do quadro de assistentes sociais da SMAS, no sentido de possibilitar a reorganização das atividades dos CRAS e a capacitação dos mesmos a fim de que estes possam desenvolver trabalhos específicos com os idosos dos projetos da SEQV.

Pontuamos esses aspectos, como contribuição para a continuidade do projeto. Acreditamos que ele precisa se estender a todas as CAS, seguindo as mesmas orientações no processo de trabalho dos Agentes salvo as diferenças que são próprias de cada comunidade, contribuindo para romper com atitudes preconceituosas em relação ao que os Agentes Experientes realizam em suas respectivas áreas.